

A ponte aérea ainda é o

Cidade

Jornal de Brasília

melhor médico de Brasília

Conceição Freitas

O melhor médico de Brasília é a ponte aérea, tanto para o banqueiro e ex-senador Magalhães Pinto, quanto para o líder sindical e deputado federal Luiz Inácio Lula da Silva. Só não pode ser para uma população de 1,7 milhão de habitantes sem condições de optar por uma saída de emergência e sujeita a um atendimento precário.

Faltam ao sistema médico-hospitalar da capital da República manutenção técnica dos equipamentos, instrumentos, medicamentos básicos e, às vezes, até sabão. O relacionamento médico-paciente deixa a desejar, tudo isso convivendo num modelo teórico de atendimento considerado ideal, tanto para as entidades médicas quanto para o secretário

de Saúde, Laércio Valença.

"Não sou de tapar o sol com a peneira", diz Valença, atribuindo parte da culpa à má fama da medicina na capital do País, pelo que considera excesso de crítica das entidades que representam os profissionais — Associação Médica, Conselho Regional de Medicina e Sindicato dos Médicos.

Maria José da Conceição, presidente do Sindicato, enxerga nas críticas o fantasma da iniciativa privada querendo açambarcar o serviço de saúde para fazê-lo objeto de lucro. "Aos grandes grupos interessa essa imagem negativa", diz. O presidente do Conselho Regional de Medicina, Hércules Sidnei Pires Liberal, acha que os problemas no Distrito Federal são semelhantes aos do resto do País, mas são superdimensionados por se tratar de Brasília.

O Incor resolve o problema?

As divergências entre médicos e a Secretaria de Saúde, que não são poucas, agravam-se a partir desta semana, quando o governador José Aparecido assinar um decreto criando uma comissão para implantar, em 18 meses, o Instituto do Coração do Distrito Federal, para atendimento terciário à população.

Para defender esta nova obra, o secretário de Saúde lança mão de um argumento comparativo: várias capitais brasileiras e algumas outras grandes cidades já possuem o seu Incor. Brasília não. Aliado a esse, um argumento médico: as doenças cardiovasculares são a primeira "causa mortis" do Distrito Federal. Resta saber se o consultor-geral da República, Saulo Ramos, ou o senador Mário Covas deixariam que o Incor de Brasília implantasse suas pontes de safena.

Com esse instituto, mais 200 leitos se somarão aos quase seis mil existentes no Plano Piloto (contando os hospitais da Fundação Hospitalar, os militares, o Sarah Kubitschek, Hospital de Base, Hospital Regional da Asa Sul, Hospital Regional da Asa Norte, hospitais e clínicas particulares) contra apenas 149 leitos existentes na Ceilândia, para uma população de 450 mil habitantes.

Investir num empreendimento milionário destinado a atender uma

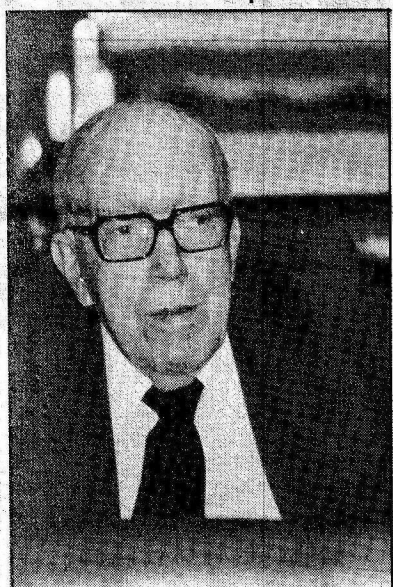
parcela insignificante da população enquanto faltam banheiros, pias e bebedouros no Hospital de Brazlândia, caldeira no Hospital de Planaltina, revisão nas mesas cirúrgicas em Sobradinho, lâminas para bisturi no Gama, e condições para acabar com as baratas e os ratos do Hospital de Taguatinga, "não é uma congruência", diz Valença.

Especialistas

Quando construiu 41 centros de saúde no DF, em 1979, o então secretário de Saúde, Jofran Frejat (hoje deputado federal pelo PFL/DF), não atentou para o fato de que as faculdades de Medicina do País estavam voltadas para a formação do especialistas, embora pelo menos 70% da população que procura um médico precisa de um clínico geral. São pequenos problemas, a maioria sintoma de doenças sociais, como fome e alcoolismo. Segundo o médico Hércules Sidnei, muita gente procura um pronto-socorro em busca de comida, lugar para dormir ou por simples desamparo.

Sem o clínico generalista, os Centros de Saúde passaram a abrigar a esdrúxula situação de manter um especialista em nefrologia vindo de uma pós-graduação no Exterior, tendo que atender casos de pequenos cortes, resfriados intensos, dores no estômago e diarreias.

Arquivo 01/10/87



Magalhães (E) fez a descoberta e Lula não quis se arriscar

Valdo Cavalcante

Arquivo 22/04/88



Valério Ayres



Valença culpa a má fama, mas relatório de Maria José confirma



Relatório confirma denúncia

Um relatório de 36 páginas feito pelo Sindicato dos Médicos do Distrito Federal, após ouvir médicos de todos os hospitais da Fundação Hospitalar, não deixa, para quem pode, outra alternativa senão o aeroporto. O levantamento foi realizado no ano passado, mas, de acordo com a presidente do Sindicato, Maria José da Conceição, "a situação só piorou".

Os hospitais de rede pública têm um aumento considerável na demanda provocada pelas mal assistidas populações do entorno e do Nordeste vizinho ao Distrito Federal. Assim é que o Hospital Regional de Taguatinga atende pacientes de Santo Antônio do Descoberto e Padre Bernardo (em Goiás), gente da Ceilândia, Brazlândia. Lá há falta de filmes para radiologia, lâmpadas, reagentes, não existe desinfecção e desratização efetiva e periódica.

No Hospital Regional da Ceilândia o quadro é mais grave: faltam otoscópios, estetoscópios, aparelhos de pressão, eletrocardiógrafos, monitores, cadeiras e manutenção de aparelhos de Raio X e Ultrassom. Há deficiência de microscópio, material cirúrgico, cardiocardiograma, macas com proteção.

O HRAN (Hospital Regional da Asa Norte), concebido como uma unidade mais complexa que os hospitais regionais, ainda não está com todo o seu potencial apro-

veitado. A manutenção dos aparelhos é esporádica e ainda assim a demora na devolução sempre implica em prejuízos para o bom funcionamento do hospital. Mesmo assim, ele vem realizando cirurgias plásticas em queimados com resultados elogiáveis mas a carência de médicos tem prolongado o tempo de internação.

O Hospital de Base, o filho-problema da Fundação Hospitalar, ainda passa por reformas, "eternas reformas", diz Maria José da Conceição. De hospital terciário (o último na hierarquização do atendimento proposto pelo sistema único de saúde do DF), o HBB é um grande e desordenado pronto-socorro, onde convivem o paciente que precisa somente de alguns pontos no supercílio ao delicado doente submetido a uma neurocirurgia, uma das especialidades do hospital.

Integrando como personagem principal este universo de contradições e problemas, o médico de três empregos (com salários de 68 a 132 mil, definidos sobre o critério da antiguidade) não consegue se reciclar, processo fundamental na profissão. "Como comprar um livro de Cz\$ 40 mil ou ir a um Congresso onde se gasta no mínimo Cz\$ 70 mil?", pergunta o presidente da Associação Médica, Duarte Jacomo.